



UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE LUZIÂNIA
PEDAGOGIA

ROBERLY DE OLIVEIRA ALVES MACHADO

**A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

LUZIÂNIA – GO

2022

ROBERLY DE OLIVEIRA ALVES MACHADO

**A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Graduação em Pedagogia, pela Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Luziânia, sob a orientação da Mestra Luciana Caprice Silva Santos da Rocha.

LUZIÂNIA – GO

2022

ROBERLY DE OLIVEIRA ALVES MACHADO

**A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia defendida e aprovada em 17 de março de 2022, pela Banca Examinadora composta pelos professores:

Prof.^a Me. Luciana Caprice Silva Santos da Rocha.
Orientadora

Prof. Me. Clawdemy Feitosa e Silva
Avaliador

Prof.^a Me. Ângela
Avaliadora

LUZIÂNIA-GO

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por ter me concedido o dom da vida, saúde, força, sabedoria necessária e por oportunizar que eu esteja conquistando um dos meus maiores objetivos profissionais

Aos meus familiares, especialmente meus pais, por me ensinar valores como amor, respeito, perseverança e atitude, por todo amor, carinho dedicados a mim; meu esposo e meu filho pelo apoio, por toda dedicação e cuidado empregados no meu percurso acadêmico.

A todos os educadores que contribuíram com minha formação, aos amigos e colegas de sala pelas alegrias, dores compartilhadas, pelo companheirismo e pelas palavras de incentivo em especial minhas amigas Ivanne silva, Daiane Rodrigues e Maria José.

A grande doutoranda Luciana Caprice Silva Santos da Rocha que aceitou este desafio, pelo seu empenho, com tamanha dedicação, pela paciência na orientação e sempre me incentivando e indicando os melhores caminhos a seguir, tornando possível a construção desse projeto de pesquisa, obrigado pelas valorosas contribuições.

Aos funcionários da Unidade Universitária de Luziânia, que sempre desde a entrada na Universidade até o presente momento tem nos ajudado em nossas necessidades.

Jamais poderia de deixar meus agradecimentos a todos os entrevistados que nos receberam com muito carinho e dedicação tornando possível as coletas e a concretização do estudo.

“Para que possa transmitir afeto é preciso que sinta afeto, que viva afeto. Ninguém dá o que não tem. O corpo transborda quando está cheio; o mestre tem que transbordar afeto, cumplicidade, participação no sucesso, na conquista de seu educando; o mestre tem de ser o referencial, o líder, o interventor seguro, capaz de auxiliar o aluno em seus sonhos, em seus projetos”

CHALITA (2001, p.162).

RESUMO

O presente trabalho monográfico aborda a afetividade no processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental. Assim, a questão norteadora da pesquisa foi a seguinte: a afetividade é importante para o processo de ensino e aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? Diante disso, o objetivo deste trabalho é compreender se a afetividade é importante para o processo de ensino e aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. E, os objetivos específicos são: a) explicar o que é a afetividade; b) analisar as contribuições da afetividade para o processo de ensino e aprendizagem dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; c) observar como se dá o relacionamento entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem. À luz de Vygotsky (1998); Wallon (2007); Antunes, (2006); Freire (1996); Oliveira (1992), dentre outros, buscar-se-á reflexão e análise acerca do tema. Esta pesquisa também propiciou uma observação do ambiente escolar, a partir de uma pesquisa qualitativa, efetuada por meio de uma pesquisa de campo da Escola Municipal Marcus Salerno em Valparaíso de Goiás, assim, a pesquisa apontou a compreensão que os professores entrevistados tinham acerca da afetividade na escola. Dessa forma, com base nas respostas foi possível constatar que o ensino é sim, baseado no respeito, no diálogo, na troca de saberes, uma aprendizagem prazerosa e significativa.

Palavras-chave: Afetividade. Docência. Anos Iniciais. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

The present monographic work deals with the affectivity of the teaching and learning process in the initial years of fundamental education. Likewise, the guiding research question was the following: Is activity important for the teaching and learning process in the Initial Years of Fundamental Teaching? Given this, the objective of this work is to understand that affectivity is important for the teaching and learning process in the Initial Years of Teaching. And, the specific objectives are: a) to explain what is affectivity; b) analyze the contributions of the affectivity for the teaching and learning process in the two initial years of Fundamental Teaching; c) observe how the relationship between teacher and student occurs in the teaching and learning process. In light of Vygotsky (1998); Wallón (2007); Antunes, (2006); Freire (1996); Oliveira (1992), among others, seek-se-á reflection and analysis about the subject. This research also led to an observation of the school environment, based on a qualitative research, carried out by means of a case study of the Marcus Salerno Municipal School in Valparaíso de Goiás, as well as a research aimed at understanding that the teachers interviewed have about the affectivity in school. Thus, based on the answers, it was possible to verify that teaching is yes, based on respect, dialogue, the exchange of knowledge, a pleasant and meaningful learning.

Keywords: Affection. Teaching. You started years. I teach Fundamental.

LISTA DE ABREVIATURAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CF - Constituição Federal

CNE - Conselho Nacional de Educação

DCNEB - Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PNE - Plano Nacional de Educação

UEG – Universidade Estadual de Goiás

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO I: CARACTERIZAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	20
1.1 Ensino Fundamental: aspectos históricos e legais.....	20
1.2 A BNCC e o Ensino Fundamental.....	24
1.3 O ensino e a aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental.....	27
CAPÍTULO II: TECENDO CONSIDERAÇÕES ACERCA DA AFETIVIDADE.....	30
2.1 O que é afetividade?.....	30
2.2 A afetividade na perspectiva de Vygotsky e Wallon	33
2.3 A afetividade e o trabalho docente.....	38
CAPÍTULO III: A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL - O CASO DE PESQUISA.....	43
3.1 O Estado de Goiás.....	43
3.2 O município de Valparaíso de Goiás - GO.....	44
3.3 A escola pesquisada.....	45
3.3.1 Organização Administrativa	45
3.3.2 Organização Curricular	45
3.3.3 Objetivos.....	46
3.3.4 Metodologias e principais projetos	47
3.3.5 Avaliação	47
3.4 A metodologia de pesquisa.....	48
3.4.1 Pesquisa de natureza qualitativa.....	48
3.4.2 Técnica de pesquisa	49
3.5 Os dados pesquisados e analisados.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	56

INTRODUÇÃO

“Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.

Bosi (1995, p. 55).

Defrontando com o cenário de narrar e escrever momentos importantes da minha vida, fundamentada por recordações, conceituadas como experiências significativas, percebo que até o presente vivenciei grandes desafios, por outro lado percebo como a vida é breve, dessa forma necessito acelerar, correr contra o tempo na intenção de realizar aquilo que projetei.

Eu, Roberly de Oliveira Alves Machado, nasci em 17 de agosto de 1980, na cidade de Correntina - Bahia, porém me considero mato-grossense, pois foi lá que fui criada, sou filha de Reinaldo e Maria Francisca, tenho quatros irmãos e sou a única filha, casada e mãe de um rapaz. Sou grata a Deus pela a família e por tudo que Ele tem me proporcionado.

Quando eu era pequena meus pais compraram uma propriedade rural no estado do Mato Grosso e mudamos pra lá, uma cidadezinha bem pequena por nome de Canabrava do Norte. Com cerca de sete anos de idade tive o meu primeiro contato com a escola, uma pequena escola rural, mas dessa época tenho poucas lembranças, pois não me recordo muito das vivências desta escola. Mesmo assim me atrevo a dizer que o método em que fui alfabetizada foi o fônico, mas não fui bem alfabetizada. Dessa época também me recordo dos momentos em que me deliciava com o lanche escolar, tudo feito com muito carinho pela merendeira escolar.

Na segunda série fui transferida para outra escola, Escola Municipal Paraíso, era uma escola que, em parte, não deixou muitas saudades, uma vez que a professora era bastante autoritária e longe de ser afetiva com seus alunos, tinha seletividade por alunos, a qual achava que a variação linguística dela era a correta e que as dos demais da sala era errada, sorria do dialeto dos seus alunos. Fiquei nesta escola até a antiga quarta série.

De acordo com Vygotsky (2007), a criança necessita de apoio, auxílio e orientação de um adulto para aprender, entretanto é fundamental o educador entender a real veracidade social e a cultural do aluno, com a finalidade de auxiliar para uma aprendizagem significativa e não agir de forma errônea. É essencial a interação entre professor e aluno no espaço

educativo, dando liberdade ao aluno de expressão para questionar, quando necessário, uma didática eficaz de ensino, que não fuja à realidade da turma, hoje vejo o quanto essa falta de interação me fez falta. Nesse sentido, Cunha (2008) ressalta que em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto, assim, o docente é um meio facilitador para a educação.

Diante destas situações percebo que a prática educacional nem sempre tem atendido as reais necessidades e interesses dos alunos, por muitas vezes não são valorizadas as suas diferenças, tendo como resultado o fracasso notório, levando ao abandono de seus estudos e objetivos.

Na quinta série eu fui estudar na cidade, na Escola Estadual Elias Bento, muito tímida, talvez devido aos traumas que sofri com a professora de outrora, tive dificuldades de acompanhar a turma, não era muito comunicativa, recordo que isso me prejudicou bastante, pois eu tinha muitas dúvidas, mas não tinha coragem de perguntar, portanto reprovei, o que foi muito triste, mas aconteceu.

No ano seguinte tornei a cursar o ano que eu tivera reprovado, já tinha amenizado um pouco os traumas que eu tinha sofrido, fui uma aluna aparentemente normal, não digo ótima, mas regular, no decorrer dos anos fui melhorando, entretanto, sempre ficam lacunas quando não somos bem alfabetizada, fiquei nessa escola até o segundo ano do Ensino Médio.

Posteriormente decidi casar no final do ano, cursei o terceiro ano na cidade de Porto Alegre, na Escola Estadual Alexandre Quirino de Souza, nesse mesmo ano engravidei do meu filho e por escolha não quis cursar faculdade no momento, mas decidi cuidar apenas do meu filho João Pedro, devido uns problemas de saúde, não poderia ter mais filho, então quis aproveitar o máximo da vida dele, curti todos os momentos, dando o melhor que poderia do meu tempo. Morei por oito anos na cidade supracitada.

Em dois mil e nove decidimos mudar para o Distrito Federal-DF, no mesmo ano nos mudamos para o entorno Sul, na cidade de Luziânia-GO. Em dois mil e dez iniciei uma graduação de bacharel em Teologia pela Universidade São Francisco, conclui o curso em dois mil e quatorze, continuei em casa, eu estava bem acomodada no meu “casulo”, meu filho já grande, no segundo ano do ensino médio e preparando-se pra entrar na universidade, certo dia ele disse para mim, “mamãe a senhora poderia voltar a estudar”. Então refleti e perguntei a mim mesma, por que não estudar?

Conheci uma amiga por nome Maria José, ela me incentivou a prestar o vestibular na Universidade Estadual de Goiás, então com o apoio do meu esposo e do meu filho, decidi me

inscrever no vestibular, porém sofri um acidente de automóvel, com isto fui prejudicada no momento da prova, pois estava com meu pescoço enfaixado, costela quebrada e com seqüela no pulmão, mesmo assim me esforcei e fiz a prova, foi triste, não consegui um bom resultado, pois precisava de um tempo maior, todavia não desisti.

No ano seguinte, minha amiga Maria falou do programa minha vaga, então como eu já tinha uma graduação, me inscrevi e fui agraciada com uma vaga. Assim, entrei na faculdade em agosto do ano de dois mil e dezoito. Ah! Recordo, tinha um sonho: se um dia eu voltasse a estudar, seria em uma faculdade pública e queria cursar pedagogia. Finalmente meu sonho estava sendo realizado.

No ano de 2019, decidi trabalhar voluntariamente na escola Dilma Roriz atendendo as crianças com dificuldade de aprendizagem, o que foi gratificante, trabalhei quatro meses, no mesmo ano iniciei uma pós-graduação Lato Sensu Psicopedagogia pela faculdade Dom Umberto. Atualmente faço Residência Pedagógica na Escola municipal Marcus Salerno no município de Valparaíso de Goiás e estou cursando outra pós-graduação Lato Sensu de Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pelo Grupo Favine.

Essa trajetória teve grande influência nas minhas escolhas, o que culminou na escolha também de um projeto monográfico que se relacionava com a afetividade, essa que na minha vida escolar fez falta e que agora sentia necessidade de pesquisar um tema que no futuro pudesse contribuir para as práticas docentes, apontando a necessidade de pensar na afetividade no processo de ensino e aprendizagem dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, auxiliando para o processo cognitivo, social, afetivo e motor.

Na concepção de Parolin (2010) afetividade é tão importante quanto à inteligência, desse modo, elas formam um par inseparável na qual se evolui mediante as experiências vivenciadas e, a partir do momento em que o sujeito se desenvolve, suas necessidades afetivas vão convertendo em prioridades cognitivas.

A partir dessa temática que se aponta como relevante para o processo de ensino e aprendizagem, nasce uma questão norteadora de pesquisa que é: a afetividade é importante para o processo de ensino e aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? E para que essa questão inicial fosse respondida, questões específicas foram elaboradas, que são: O que é a afetividade? Quais as contribuições da afetividade para o processo de ensino e aprendizagem dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? Como se dá o relacionamento entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem?

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é compreender se a afetividade é importante para o processo de ensino e aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. E, os objetivos específicos são: a) explicar o que é a afetividade; b) analisar as contribuições da afetividade para o processo de ensino e aprendizagem dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; c) observar como se dá o relacionamento entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem.

Para alcançar os objetivos propostos a pesquisa se dá por meio de investigação qualitativa. Segundo Silveira e Córdova (2009) a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.

Já a técnica de pesquisa utilizamos a de campo, para tanto, aplicamos como instrumentos de coleta de dados a entrevista semiestruturada com professores, através de questionários na qual possibilitou identificar o ponto de vista do docente que estão em contínuo contato com os alunos. Pontua Marconi e Lakatos (2010), as entrevistas organizam-se em técnicas de coletas de dados, que permite a “investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social” (p.178).

Como procedimento metodológico o estudo bibliográfico do presente trabalho está baseado nos principais autores: Vygotsky (1998); Wallon (2007); Antunes, (2006); Paulo Freire (1996); Oliveira (1992), abordaremos também a Constituição Federal – CF (1988), a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2016), dentre outros.

Para desenvolvermos a discussão o trabalho foi estruturado em três capítulos: o primeiro capítulo conta com um breve aporte teórico da definição do ensino fundamental, uma abordagem sobre aspectos históricos, legais a qual, abordaremos a BNCC e o ensino e a aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental; seguindo o percurso metodológico do trabalho, no segundo capítulo apresenta o conceito de afetividade, enfatizado na perspectiva de Vygotsky e Wallon, afetividade e o trabalho docente e por fim, no último capítulo apresentaremos o estudo de caso da presente pesquisa em que apresentamos o Estado, o município, a escola analisada, além da metodologia escolhida para a realização da pesquisa e os dados pesquisados e analisados e por fim, as nossas considerações finais.

CAPÍTULO I: CARACTERIZAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL

O presente capítulo tem a intenção de mostrar conteúdos históricos relacionados à educação brasileira, abordando também questões legais inerentes ao Ensino Fundamental. Desse modo, pontua o ensino e aprendizagem, apresentando as mudanças, discussões e os impasses que foram necessários sua para ampliação, trazendo questões importantes, enfatizando os desafios para conquistar uma educação de qualidade. Diante disso, esse capítulo situa o leitor no contexto dessa investigação, para que o mesmo conheça o ponto de partida de questões inerentes ao tema.

1.1 Ensino Fundamental: aspectos históricos e legais.

Em 1950, o Brasil possuía uma gestão liberal populista, concomitante existia um sistema educacional estabelecido de uma forma integral em todo o país, a qual limitava o acesso à educação a um número menor de pessoas.

Não obstante, em 1961, entra em vigor a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), a qual tinha por regulamento a entrada obrigatória de todas as crianças com sete anos de idade, o então conhecido como o ensino primário, composto por quatro anos de ensino, a qual proporcionava o desenvolvimento do raciocínio, das atividades e da integração no meio físico e social. (BRASIL, 1961). Conforme o artigo 1º da lei mostra:

A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim:

- a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade;
- b) o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem;
- d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum;
- e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos. (BRASIL, 1961, p 1).

Com A LDBEN de 1961, os Estados e municípios foram privilegiados, uma vez que passaram a ter uma maior autonomia com relação à sistematização do ensino, porém na concepção de Meneses (2002), essa lei não obteve um resultado positivo o quanto era esperado, não conseguindo seguir em frente com sua finalidade, de modo que, na época os problemas foram apresentado e se agravaram em meio ao sistema escolar com relação a ampliação e continuidade obrigatória.

Houve então a ruptura política em 1964, denominado o Regime Militar, pelo que o próprio sistema fomentava por modificações educacionais, adequada às carências do momento, pois acreditavam na necessidade de qualificação para o trabalho, tinha como foco, formar técnicos prontos para dá seguimento ao planejamento econômico da época. Nesse sentido, houve então a necessidade de uma nova edição da LDB, em 11 de agosto de 1971, a Lei n°. 5.692/71, desse modo, o intitulado ensino de primeiro e segundo grau, apresentava o propósito de preparar a criança, adolescente e jovens para exercer o trabalho e o papel de cidadão. Como é possível verificar em seu primeiro artigo:

Art. 1º O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania (BRASIL, 1971, p.1).

Segundo Azanha (1993), mudanças implacáveis ocorreram na organização educacional com a implantação da Lei n°. 5.692/71, principalmente no que se refere à agregação do antigos primário e ginásio em um único curso com duração de oito anos, configurando todo ensino para um curso profissionalizante.

Com o fim da Ditadura Militar em 1985, a política brasileira teve uma inovação, com promulgação da Constituição Federal de 1988, neste cenário havia inúmeras críticas relacionando com o ensino profissionalizante, essas críticas culminaram em avanços vistos anos mais tarde, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), aprovada pelo o então presidente Fernando Henrique Cardoso, exatamente no dia em 20 de dezembro de 1996, nomeada como Lei n° 9.394/96.

A Constituição Federal 1988 (CF), juntamente com LDB Lei n° 9.394/96, asseguram o Ensino Fundamental obrigatório e gratuito, inclusive aos que não tiveram acesso na idade própria. Outro avanço observado nessa lei foi o dever do Estado em proporcionar não somente o acesso gratuito, mas também a permanência na escola, vale lembrar que o dever do Estado com a educação aparece junto com o dever da família em propiciar o ensino na idade obrigatória¹.

¹ O artigo 208 da CF de 1988, em seu parágrafo primeiro, destaca que a educação básica obrigatória e gratuita acontecerá dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria.

Vale ressaltar ainda que outro avanço observado em relação à LDBEN nº. 9.394/96 foi à inclusão da educação infantil na Educação Básica, que passou a ser composta pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

No ano de 2006, no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, tivemos a ampliação do ensino fundamental para nove anos, com a Lei nº. 11.274/06. A partir daí os alunos de seis anos completos passaram a integrar o primeiro ano do ensino fundamental, tornando naquela época sua matrícula obrigatória a partir do ensino fundamental. Com a Emenda Constitucional – EMC nº. 05 de 11 de novembro de 2009, a educação básica obrigatória e gratuita passou a ocorrer a partir dos 4 (quatro) anos de idade.

Com a vigência da Lei nº. 11.274/2006 os artigos 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394/96 foram alterados. Iniciava-se assim um processo de implantação, a fim de oferecer maiores oportunidades de aprendizagem no período da escolarização obrigatória, além de assegurar o ingresso escolar mais cedo no sistema de ensino, (BRASIL 2001).

Em relação à Lei nº. 11.274/2006, Barbosa (2012), faz uma crítica e argumenta que essa lei, que determina o ingresso da criança com seis anos de idade, foi fixada sem nenhuma preparação dos profissionais da educação para o recebimento das crianças.

Na concepção de Saveli (2008), a integração obrigatória da criança de seis anos requer um tratamento em questão política, administrativa e pedagógica. Com esse fator as escolas, professores e gestores tiveram que assimilar e atender tais deliberações, reorganizando aspectos fundamentais como: o espaço, o tempo, a metodologia incluindo todo planejamento pedagógico.

Vale lembrar que em 20 de fevereiro de 2008, foi elaborado um Parecer pelo Conselho Nacional de Educação – CNE, em parceria com o Conselho de Educação Básica - CEB nº 4, que orientava como deveria ser regido o ensino nessa nova faixa etária, pontuando que as atuações pedagógicas nos três anos iniciais do Ensino, precisariam ser direcionadas à alfabetização e ao letramento, reiterando que: “alfabetização dar-se-á nos três anos iniciais do Ensino Fundamental” (BRASIL 2008, p.2). Dessa forma, a criança se desenvolve e se identifica com a leitura de mundo, enquanto no letramento, na visão de Soares (2003), a criança adquire um conjunto de atitudes, conhecimentos, capacidade a qual envolve o uso da língua em práticas sociais indispensável para uma participação ativa e eficaz na cultura escrita.

As Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica – DCNEB, com a resolução nº 4, de 13 de julho de 2010, destaca a data de corte etário para matrícula de

crianças nessa faixa-etária e determina que a mesma deve ocorrer aos seis anos completos ou a completar exatamente até o dia 31 de março do ano letivo. Como é possível verificar a seguir:

O Ensino Fundamental com 9 (nove) anos de duração, de matrícula obrigatória para as crianças a partir dos 6 (seis) anos de idade, tem duas fases seguintes com características próprias, chamadas de anos iniciais, com 5 (cinco) anos de duração, em regra para estudantes de 6 (seis) a 10 (dez) anos de idade; e anos finais, com 4 (quatro) anos de duração, para os de 11 (onze) a 14 (quatorze) anos (BRASIL, 2010, p.9).

Em seu parágrafo único do mesmo artigo pontua:

No Ensino Fundamental, acolher significa também cuidar e educar, como forma de garantir a aprendizagem dos conteúdos curriculares, para que o estudante desenvolva interesses e sensibilidades que lhe permitam usufruir dos bens culturais disponíveis na comunidade, na sua cidade ou na sociedade em geral, e que lhe possibilitem ainda sentir-se como produtor valorizado desses bens (BRASIL, 2010, p 9).

No ponto de vista do teórico Kramer (2006), é direito da criança, adentrar numa escola estruturada, no entanto é preciso oferecer uma escola digna, todavia, necessita de uma organização curricular, favorecendo a sua inserção crítica na cultura; segundo o autor supracitado, as crianças têm direito a condições outorgadas pelo Estado e pela sociedade que garantam o atendimento das necessidades básicas, como o aprender e brincar seja na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental, no entanto sejamos aptos de ver, entender e lidar com elas, como crianças e como alunos.

No entendimento de Bruel (2010, p.153) “os avanços registrados na legislação nacional em relação à ampliação do direito à educação e, sobretudo, em relação à definição dos deveres do poder público na oferta da escolaridade se mostraram historicamente como indutores de política”. Compete admitir que o Brasil progrediu em direção à democratização do acesso e da continuidade dos alunos no Ensino Fundamental, agora resta o compromisso em relação à aprendizagem desses discentes. Nesse sentido, Oliveira e Araújo (2005) pontuam:

[...] o grande desafio do atual momento histórico, no que diz respeito ao direito à educação, é fazer com que ele seja, além de garantido e efetivado por meio de medidas de universalização do acesso e da permanência, uma experiência enriquecedora do ponto de vista humano, político e social, e que consubstancie, de fato, um projeto de emancipação e inserção social. Portanto, que o direito à educação tenha como pressuposto um ensino básico de qualidade para todos e que

não (re) produza mecanismos de diferenciação e de exclusão social (OLIVEIRA e ARAÚJO, 2005, p.16-17).

1.2 A BNCC e o Ensino Fundamental

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento obrigatório para todas as escolas de Educação Básica, sejam públicas ou privadas; sua homologação foi em dezembro de 2017, aprovada pelo Conselho Nacional de Educação, passou-se por três versões, no ano seguinte foi inserido o Ensino Médio.

A BNCC, tem por estrutura um conjunto de instruções de como devem acontecer a aprendizagem fundamental do aluno, desse modo ressalta que, cada fase do desenvolvimento, possui seus direitos de aprender e de se desenvolver. Esse documento, apresenta os campos de experiências, pontuando as áreas do conhecimento, as capacidades específicas de cada fase, apresentam os elementos curriculares e conhecimentos particulares, os assuntos, os objetos de compreender e as habilidades.

A BNCC, é caracterizado como uma revolução contemporânea, tendo por finalidade a formação integral do cidadão, contribuindo para viver democraticamente, justamente e inclusivamente, sendo assim, é sistematizada pela diversidade, quanto os aspectos políticos, morais e estéticos, (BRASIL, 2017). Neste sentido, esse documento tem por foco proporcionar uma educação voltada para o desenvolvimento global, nas suas particularidades e pluralidade, favorecendo condições essenciais para a edificação de uma sociedade diversificada.

A Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 210 define “serão fixados conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” (BRASIL, 1988, p 168).

Baseado no que foi exposto fica mesmo evidente em todo tempo a intenção das nossas legislações era implantar a Base Nacional Comum Curricular. Pois a sua finalidade é de propiciar igualdade nos sistemas de ensino, oportunizando o direito de aprendizagem de forma integral, evidenciar conhecimentos e habilidades na educação básica (BRASIL, 2017).

A LDB, destaca a importância do currículo na Educação Básica com ênfase em considerar os aspectos culturais, econômicos e regionais de cada região. No Art. 9 inciso IV, procura destacar sua relevância:

De estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum (BRASIL, 1996, p 10).

Enfatizado também no Artigo 26 na redação dada através da Lei nº 12.796/2013 declara:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (BRASIL 2013).

Na perspectiva das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica - DCNGEB a Base é relativamente defendida como:

Os conhecimentos, saberes e valores produzidos culturalmente, expressos nas políticas públicas e que são gerados nas instituições produtoras do conhecimento científico e tecnológico; no mundo do trabalho; no desenvolvimento das linguagens; nas atividades desportivas e corporais; na produção artística; nas formas diversas de exercício da cidadania; nos movimentos sociais (BRASIL, 2010, p. 31).

Diante desta argumentação, denota que os centros educativos precisam possibilitar aos alunos, oportunidades em oferecer as diversificações de linguagens, conteúdo específico, levando o aluno a ser participante ativo no processo de construção do conhecimento, produzindo uma aprendizagem significativa. “Visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1998, Art. 205). Nesta perspectiva percebe que este documento encontra sistematizado em concordâncias com as competências no qual caminha para desenvolver as habilidades.

Não obstante, a Base Nacional Comum Curricular na ótica do MEC é um planejamento objetivando “O reconhecimento [...], processos de apropriação, de renovação e de articulação de saberes e conhecimentos, como requisito para a formação humana” (MEC, 2017). Suas orientações sobrevêm requerendo intensas mudanças, para formação dos docentes, implicações nos materiais educativos e nos currículos pedagógicos. Como reitera:

A forma de apresentação adotada na BNCC tem por objetivo assegurar a clareza, a precisão e a explicitação do que se espera que todos os alunos aprendam na Educação Básica, fornecendo orientações para a elaboração de currículos em todo o País, adequados aos diferentes contextos (BRASIL, 2017, p.31).

No entanto, em consentimento com esse contexto, o método da construção do currículo deve ser caracterizado de acordo com a necessidade da comunidade de cada região, julgando o que é apropriado, propondo o que deve ensinar, e como ensinar, desenvolvendo os conhecimentos. Quanto aos anos iniciais do Ensino Fundamental a Base destaca:

No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, os componentes curriculares tematizam diversas práticas, considerando especialmente aquelas relativas às culturas infantis tradicionais e contemporâneas. Nesse conjunto de práticas, nos dois primeiros anos desse segmento, o processo de alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica. Afinal, aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social (BRASIL, 2017, p. 63).

Diante desta argumentação, exclusivamente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, aponta a necessidade de articular as experiências vivenciadas anteriormente na Educação Infantil, o avanço do conhecimento acontece através da consolidação das aprendizagens anteriores e pela amplificação das práticas de linguagem e da experiência intercultural das crianças, ressalta ainda a significância do lúdico no ensino e aprendizagem, (BRASIL 2017).

A BNCC assinala a necessidade de compreender suas normas, para que o docente venha desenvolver ações pedagógicas, despertando no aluno o interesse em aprender, para que o mesmo venha a se desenvolver da melhor forma, sabendo ou superando a si mesmo, lidar com os outros, ter compreensão de mundo. O aluno precisa se desenvolver de forma integral, fisicamente, cognitivamente, afetivamente, socialmente, moralmente, tendo capacitação de despertar o pensamento racional, imaginário e o crítico (BRASIL, 2017).

Na concepção da Base, a ação pedagógica com relação os três primeiros anos do Ensino Fundamental, a uma necessidade de focalizar na alfabetização, objetivando apropriação da escrita alfabética, promovendo o entrosamento em outros sistemas de representação; a partir de então, vão ampliando o avanço em signos matemáticos, desenvolver a percepção, exposição dos registros artísticos, científicos, tempo, espaço entre outros, levando os alunos a defrontar situações variadas, envolvendo a análise, argumentos e conceitos, fomentando descobertas, passando a ter mais autonomia na escola (BRASIL, 2017).

Diante de tudo isso, o Ensino Fundamental para a BNCC segue um padrão indicado para cada área de conhecimento, tendo a intenção de esclarecer seu papel na formação integral do aluno e ao mesmo tempo acentua as características para todo processo,

justificando as particularidades do discente e as exigências educacional no decorrer dessa etapa escolar (BRASIL, 2018).

1.3 O ensino e a aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Para Libâneo (1994), o termo ensino e aprendizagem é uma relação mútua em que evidenciam a função do docente e a atividade do discente, podendo ser notável que, o ensino pretende estimular, conduzir, impulsionar, encorajar e incentivar nas atividades e competências promovendo o desenvolvimento do aluno para sua própria aprendizagem. Esse teórico faz um paralelo entre o Ensino e Aprendizagem:

O ensino visa estimular, dirigir, incentivar, impulsionar o processo de aprendizagem dos alunos [...]. O ensino tem a tarefa principal de assegurar a difusão e o domínio dos conhecimentos sistematizados legados pela humanidade.
 A aprendizagem é a assimilação ativa de conhecimentos e de operações mentais, para compreendê-los e aplicá-los consciente e autonomamente. [...] é uma forma do conhecimento humano relação cognitiva entre aluno e matéria de estudo desenvolvendo-se sob as condições específicas do processo de ensino. O ensino não existe por si mesmo, mas na relação com a aprendizagem LIBÂNEO (1994, p.91).

Esse processo pode ser compreendido como um conjunto de tarefas que proporciona ao aluno o aprender, dentro deste conjunto existem vários vieses que possibilitam a assimilação de conhecimentos, habilidades, compreensão e raciocínio; desenvolvendo a autonomia, tendo o professor como um líder e orientador dentro deste processo, contribuindo para uma evolução intelectual. Faz-se necessário, o professor assegurar uma junção didática entre esse processo, analisando a base, as situações, visando a formação integral do sujeito aluno, levando uma aprendizagem significativa e não um ensino mecanizado, como pontua Libâneo (1994).

Em relação ao processo de ensino e aprendizagem, Rios (2003), aponta que a unidade ensino-aprendizagem se concretiza na interligação de dois momentos indissociáveis, transmissão/assimilação, ativação de conhecimentos e habilidades, dentro de condições específicas em cada situação didática. Para a autora, o ensino é como uma prática social específica, que se dá no interior de um processo da educação, e que ocorre informalmente, de maneira espontânea, ou formalmente, de maneira sistemática, intencional e organizada.

O ensino e aprendizagem nos anos Iniciais do Ensino Fundamental é um processo desafiador, por se tratar do período de alfabetização, momento que ocorre uma intervenção

entre a criança e o desenvolvimento, e a compreensão da linguagem escrita. Diante desse cenário, compete ao professor ter os saberes específicos, assimilar, planejar e organizar as informações, qual a melhor técnica de ensinar seus alunos, provocando a própria aprendizagem dos mesmos.

No entendimento de Gómez (2008), a escola é um local de aprendizagem e ao mesmo tempo uma diversidade cultural que norteia a construção de conceitos compartilhados entre o docente e discente. Todavia, é indispensável que a escola proporciona oportunidades e autonomia para o professor desenvolver um trabalho eficiente, o docente é considerado um eterno aprendiz, pois todas as vezes que ele ensina, desenvolvem novas capacitações, conquista mais experiências e ampliam suas práticas. Para Freire (1996), o ato de ensinar jamais é transmitir conhecimento, entretanto criar as oportunidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Na concepção de Libâneo (1994), o Ensino Fundamental tem por objetivo estimular a assimilação ativa dos conhecimentos sistematizados, apropriação das capacidades, agilidades e atitudes, despertando na criança uma nova forma de pensar e agir, preparando para exercer seu papel de cidadão, tanto no âmbito familiar quanto nas demandas da vida social, possibilitando oportunidade em prosseguir estudando e aprendendo em todo percurso da vida, refrisando os valores e princípios.

Portanto, para acontecer a aprendizagem, precisa-se de uma interação, uma troca de experiência, evidentemente, todo indivíduo leva consigo, aspectos particulares e específicos, os quais passam a ser divididos no âmbito escolar, determinando o seu vínculo social e ampliação de novos conhecimentos. Vygotsky (1994, p.115) afirma que “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que a cercam”.

O próprio nome, Ensino Fundamental, já reflete a importância dessa etapa na vida do educando tanto no desenvolvimento cognitivo quanto o desenvolvimento social e consciência crítica. Dessa forma, no que se refere a sistematização do Ensino Fundamental, desde a LDB nº 9.394/96, retrata simultaneamente uma junção, trazendo as demandas exigidas pelo capitalismo, quanto a carência de uma melhor educação voltada ao beneficiamento do cidadão.

Como foco deste trabalho é os anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo assim, fica evidente que é responsabilidade do sistema de ensino, das instituições, dos educadores, propiciar um ensino como base nas fundamentações teóricas regimentadas por leis, visando a

aprendizagem do aluno, brindando os mesmos de um resultado negativo no seu percurso escolar.

Dessa maneira, vale ressaltar a necessidade de desenvolver métodos, temáticas, avaliação, ou seja, a construção de um currículo coerente com o planejamento pedagógico, inclusivamente direcionado pela BNCC, dentro de um contexto fixado a necessidade do aluno na comunidade em que o está inserido, levando o mesmo em seu processo de aprendizado a uma leitura de mundo, suscitando o percepção científica e suas finalidades nas mais variáveis circunstâncias, estimulando a capacidade de se desenvolver nos mais diferentes elementos curriculares as quais constituirão nas etapas posteriores.

CAPÍTULO II: TECENDO CONSIDERAÇÕES ACERCA DA AFETIVIDADE

Este capítulo outorga-se a apresentar as principais reflexões que contribuíram para a compreensão da temática que consisti o presente trabalho: a afetividade no processo de ensino e aprendizagem dos anos iniciais do ensino fundamental, na perspectiva de Vygotsky e Wallon, entre outros, e a pratica docente.

2.1 O que é afetividade

A afetividade possui incumbência crucial em relação as psicossomáticas básicas, desfruta de um caráter social e biológico, essencial para todo o processo de desenvolvimento do ser humano, contribui ao sujeito à autoconfiança e conseqüente auxilia a potencializar a auto estima. Na concepção de alguns teóricos, afetividade compreende como um estado psicológico do indivíduo, podendo ser ou não modificado, ou seja, afetado positivamente ou negativamente tanto por sentimentos internos quanto os externos, pelas experiências vivenciadas individualmente quanto coletivamente, atuando simultaneamente. Vale lembrar, por muitos anos a afetividade foi interpretada de forma parcial, restringia apenas ao contato físico, deixando de lado a função mais significativa, a aquisição do conhecimento do sujeito.

É importante enfatizar que o conceito afetividade é derivado do termo afetivo e afeto, abrangendo todos os aspectos afetivos. No Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano (1998), essa palavra designa o conjunto de atos ou de atitudes como a bondade, a benevolência, a inclinação, a devoção, a proteção, o apego, a gratidão, a ternura, etc.; que, podem ser caracterizados como a situação em que uma pessoa "preocupa-se com" ou "cuida de" outra pessoa ou em que esta responde, positivamente, aos cuidados ou a preocupação de que foi objeto. Dessa forma, o termo a afetividade constitui um conjunto complexo, envolvendo diversos sentimentos, sendo assim, é indispensável um cuidado apropriado em torno dessas emoções, possibilitando assim, uma vida de equilíbrio ao sujeito.

Codo e Gazzotti, (1999), comparam a afetividade como uma soma de fenômenos psíquicos a qual demonstra perante as emoções, sentimentos e paixões, associados a figura de dor ou prazer, sofrimento ou felicidade, tristeza ou alegria, contentamento ou descontentamento, agrado ou desagrado. Além disso, é possível compreender que, a afetividade é a partícula psicológica pela qual encarrega a parte sentimental que o indivíduo vivencia.

A afetividade de acordo com Antunes (2006), é um conjunto de acontecimentos psíquicos a qual revela diante das emoções estimulando sentimentos; no entanto, para esse autor a afetividade se encontra na história genética do ser humano e necessita da evolução biológica da espécie, em seu ponto de vista, o homem nasce imensamente imaturo e devido a essa imaturidade, gera-se a necessidade do afeto, dessa forma, quando a desprovação desse fator na infância é comum produzir diversos fatores, pelo qual desencadeia sentimentos contrários como medo, depressão, insegurança, desobediência.

A esse respeito, pode considerar o afeto como um mecanismo, o qual possibilita o sujeito assimilar o sentimento por intermédio dos estímulos, da compreensão, buscando seu desenvolvimento, transformando em um indivíduo criticador e introspectivo.

Na concepção de Rossini (2004), a afetividade é a base da vida, se o sujeito não está bem afetivamente, literalmente se compromete sua atuação como ser social. Neste sentido, pode considerar que os afetos estabelecem a conduta do indivíduo, constituindo uma forma indispensável no psique, exteriorizando nas vontades, nas palavras, nos sonhos, nos sinais desenvolvido na pessoa no decorrer da vida.

Piaget (1975), discorre a afetividade como um requisito fundamental para a formação da inteligência, em sua concepção, os sentimentos e as ações intelectivas jamais integram as realidades distintas e sim duas dimensões complementares, englobando a realidade psíquica. Em suma, ressalta, em toda ação existente um aspecto afetivo e um aspecto cognitivo ou inteligente, em concordância com o autor supracitado, jamais possui uma atividade unicamente racional e outra afetiva.

Segundo Piaget, o pensamento geralmente acompanha a tonalidade e acepção afetiva, em seu ponto de vista, a afetividade e a cognição são inseparáveis tanto no contexto de origem quanto na evolução, ambos formam aspectos integrativos na conduta do homem, com isso pode-se considerar que todo comportamento consta de aspecto cognitivo quanto afetivo e ambos necessitam um do outro. Todavia, a criança em seu processo de formação precisa de um afeto contínuo e inovador, pelo qual possa contribuir na formação dos seus valores e na evolução como cidadão.

Seguindo essa linha de pensamento, é importante salientar que afetividade não elucida a construção da intelectualidade humana, porém as construções intelectivas são interpostas através da perspectiva afetiva, como reitera Piaget (1975, p. 265) “o afeto e cognição resultam de uma adaptação contínua e interdependente, em que os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações ou das estruturas inteligentes”. Dessa forma, Piaget pontua, ao passo

que os esquemas afetivos levam à edificação da integridade, os esquemas cognitivos coordenam o desenvolvimento da inteligência; assim sendo, compreende que o desenvolvimento da criança acontece através de uma construção gradual, manifestando pontos afetivos, ora cognitivos.

Hillal (1985), argumenta afetividade como a base da inteligência, da vontade, da atividade, da personalidade, caso esteja ausente, é impossível realizar uma aprendizagem significativa, para o autor, muitos alunos cuja inteligência foi bloqueada por motivos afetivos; desta maneira, salienta a afetividade como a construção de todas as reações da pessoa diante da vida de todos os seus acontecimentos, promovendo todas as atividades.

Concomitantemente, percebe que o afeto é desenvolvido semelhante à inteligência, desta forma, torna-se árduo deparar um comportamento caracterizado unicamente da afetividade e a ausência de componente cognitivo. É importante enfatizar que a afetividade dispõe de uma função preponderante na construção da personalidade da criança, uma vez que revela no comportamento, transcende na expressão.

Neste sentido, Piaget (1975), considera que a ausência do afeto desencadeia a desmotivação, traumas, trazendo uma série de consequências na cognição do sujeito. Não obstante, diante destas circunstâncias, em muitas das vezes torna-se necessário a orientação especializada, para auxiliar neste processo de reabilitar sua história de vida, pois a integridade humana encontra-se associado tanto nas dimensões emocionais quanto nos aspectos afetivos.

Desse modo, Pino (2000), afirma que os fenômenos afetivos retratam a forma como os acontecimentos refletem na característica sensitiva do sujeito, suscitando um conjunto de ações complexas a qual tem o poder de definir seu comportamento na sociedade. Coincidentemente, a falta de afeto fomenta reações negativistas no seu processo da formação da personalidade, tornando uma pessoa problemática.

É indispensável enfatizar o termo afetividade no contexto familiar, visto que, para a criança se desenvolver intelectualmente necessita de conviver em um ambiente acolhedor, um espaço onde a mesma tenha confiança, sentindo-se segura, tendo uma melhor concepção de mundo desde a infância, pois a família é a base para a formação da personalidade do indivíduo, como reitera Chalita (2004, p.21): “A preparação para a vida, a formação da pessoa, a construção do ser são responsabilidades da família”.

Vale ressaltar, a importância de estar presente na vida dos filhos, interagir com eles, fazer parte do seu mundo, elementos estes fundamentais e de grande benefício, seja no convívio familiar quanto escolar assim tendo um modelo de como interagir com os demais.

2.2 A afetividade na perspectiva de Vygotsky e Wallon

Lev S. Vygotsky, psicólogo russo, elaborou uma teoria sócio-histórico-cultural do desenvolvimento das funções mentais superiores: (pensamento, memória, percepção e atenção); abordando os fatores biológicos e sociais na evolução da construção do ser humano. Vygotsky destaca dois elementos essenciais relacionados: a afetividade e a inteligência, o significado e o sentido.

Para Vygotsky (2001), a palavra é o encontro da inteligência e a afetividade; pontua a fala/linguagem como o intermediário categórico na constituição das funções psicológicas superiores, o qual tem aspecto relevante na comunicação e a construção do pensamento. Diante dessa teoria, percebe que a palavra tem o poder de englobar vários aspectos dos mais diferentes pontos: afetividade e cognição, a razão e emoção, a subjetividade e intersubjetividade, dessa forma, implementa uma relação recíproca; a fala conduz a interação ao seu redor, nesta perspectiva o sujeito passa por um processo evolutivo.

Quanto a origem do pensamento, Vygotsky (1987), descreve que o pensamento tem suas demandas na esfera da motivação, envolvendo as inclinações, necessidades, interesses, impulsos e afeto. Segundo ele, o homem nasce com as funções elementares, e, através da cultura, com a presença do outro, do meio, ela se transforma em funções psicológicas superiores, funções essas, adquiridas nas experiências ao longo da vida. Sendo assim, pode considerar o pensamento como forma verbal, a qual faz uma junção com a linguagem, tornando parceiro e fatores primordiais para o desenvolvimento da criança.

Vygotsky (1987), considera que as emoções são caracterizadas pelas motivações a qual tem interferências na conduta e no comportamento. Dessa forma, as emoções são vistas como parte integradora da personalidade, envolvidas pelas relações, marcadas no processo histórico do sujeito, vivenciadas pelas experiências empíricas.

Na visão de Vygotsky (1987), percebe que a formação do ser humano está relacionado ao social e a cultura, configurando a natureza humana, delineando as atividades psicológicas no decorrer do desenvolvimento, seja da espécie quanto indivíduo, neste sentido, o homem é formado de um aspecto biológico e ambiental, pois o meio em que se encontra possui interferências no processo evolutivo e através desta interferência o sujeito tem o poder de aprender tanto na forma direta quanto indireta.

Para Vygotsky “a história da sociedade e o desenvolvimento humano caminham juntos, tornando o conhecimento internalizado e modificado pela criança perante suas interações sociais com as pessoas que a rodeiam” (LAKOMY, 2003 p.38). Neste sentido, pode-se considerar que o autor evidencia a ideia de Vygotsky numa unificação com relação as dimensões cognitivas e afetivas do comportamento psíquico do sujeito.

Para Vygotsky (1988), as funções psíquicas humanas, encontram-se ligadas ao aprendizado, acomodado por intermédio da linguagem, herdado através do grupo cultural, implicando ações compartilhadas no percurso do desenvolvimento humano. Pontua que é possível entender corretamente o pensamento humano, desde que por sua vez entenda a estrutura afetiva. Deste modelo, é impossível separar o pensamento do afeto, pois a vida emocional encontra-se associada aos demais processos psicológicos e evolutivos.

Vygotsky (1988), descreve a afetividade como elemento fundamental em todo percurso da vida do indivíduo, tendo um significado importante no processo de aprendizagem, afirma que as reações emocionais desempenham ações primordiais em todo contexto do comportamento, em todos os aspectos do processo educativo, desta forma, se quiser que as crianças se desenvolvam faz-se necessário ampliar atividades que seja ensinada de forma a estimular emocionalmente, sendo assim, fatores impregnados de forma emocional sem dúvida é recordado de maneira mais concreta.

Na intenção de pesquisar as obras de Vygotsky; Torsoni (2000. p3) constatou que “toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular”. O pensamento desse autor ressalta que, a evolução da afetividade tem início no aprimoramento do cognitivo, logo pontua, como uma necessidade recíproca uma da outra, pois desde antigamente o homem é visto como um ser o qual depende de um vínculo social, com necessidade e incorporação de regras, valores para poder viver em harmonia com a sociedade e consigo mesmo.

Henri Wallon, em sua teoria conhecida por psicogenética, dedicou-se profundamente ao estudo da criança, pois acreditava que era a melhor forma para entender a origem dos processos psicológicos humanos. Ao estudar o desenvolvimento infantil, esse teórico analisou tanto a dimensão cognitiva, quanto a afetiva e motora, estudou o desenvolvimento da criança de forma integral.

Wallon, um dos teóricos que mais se aprofundou sobre a psicologia genética, usou todos os seus conhecimentos; como filósofo usou antropologia; como psicólogo e médico a psicopatologia e a neurologia; assim, afirmou que a afetividade é primordial na formação do

conhecimento e da pessoa. O pensamento desse educador, leva a entender que os processos psicológicos têm origem orgânica (biológica), porém, eles só poderão ser compreendidos no momento que considera as influências socioambientais, ou seja, a interação desses processos.

Segundo Wallon (2007), a inteligência se desenvolve após a afetividade, a inteligência aparece dentro da afetividade, determina ligações de conflito, a partir daí o sujeito interessa em compreender por aquilo que gosta, evitando as que não acham interessante ou simplesmente não tem uma ligação com seu afeto; entretanto, para desenvolver a inteligência é necessário sensibilizar o afeto.

No ponto de vista de Wallon (2007), a afetividade é a função integradora do desenvolvimento humano, considerada a mais arcaica a qual possui domínio funcional. Para o autor, o homem nasce puramente orgânico, cogitando como um ser afetivo, com o passar do tempo vai se tornando racional, desta forma, acredita que a afetividade e a inteligência agregam numa apresentação simultaneamente.

Wallon (2007), assegura que a criança ao nascer é um ser vulnerável, tendo apenas funcionamento orgânico, automaticamente o biológico exige certos cuidados de outros seres humanos, principalmente nos dois primeiros anos de vida, em que existe uma absoluta dependência, por esses motivos tornam-se seres afetivos, expressando sua emotividade por expressão corporal, gesto e expressão facial, tornando ato motor uma atividade expressiva, a qual implica em comunicação emocional do bebê, como afirma Almeida (1999), enquanto na criança não aparecer a palavra, o que traduz a vida psíquica é o movimento, garantindo assim a relação da criança com o meio.

Desta forma, Wallon (2007) pontua, há uma necessidade da afetividade, a qual se manifesta no choro e grito, sensibilizando o adulto para atender sua carência quanto às atividades motoras, simultaneamente produzindo um estado emocional no adulto, e, por essas expressões emocionais permitem a criança entrar no mundo da cultura humana.

Wallon (2007), como médico, tinha plena consciência que o organismo da criança necessita de movimento, sua teoria critica às escolas que queriam imobilizar as crianças, pois essa ação vai contra a natureza da mesma, na sua visão, isso não cabe no desenvolvimento humano, os movimentos propiciam condições, auxilia no aprendizado, traz a particularidade da criança com o meio.

Wallon (2007), salienta que a atividade tônica agrega cérebro e músculos e por meio deles conserva a conexão vinculada, compreende que o movimento provoca direcionamento

com o pensamento, assim, que o aprendizado advém com um modelo integrado junto aos aspectos afetivo, motor e cognitivo.

Para Wallon, o pensamento infantil surge de forma descontinuada com crise e conflitos. Dentro desse contexto, a interação emocional dá-se o início no processo cognitivo da criança, no qual os valores concretizam-se, seguindo da linguagem e posteriormente o diálogo. Portanto, o convívio coletivo constrói-se a partir de novos conhecimentos e, através do vínculo do adulto com a criança, dessarte, proporcionando laços afetivos, colaborando para o apropriado desenvolvimento.

Reitera Dantas (2012), a formação do sujeito e do objeto pelo qual construirá seu conhecimento, decorre da alternância entre afetividade e a cognição. Contudo, o espírito afetivo agrega a interação junto à pessoa, acontecendo uma junção relacionada ao meio social e assegura a aproximação do universo figurativo da cultura, apoiando-se na ação cognitiva, possibilitando uma função primordial na idealização como cidadão e na construção do conhecimento. Dessa forma, pode admitir que a afetividade é o passa porte da criança no universo simbólico, é um componente crucial na psicogênese do indivíduo, a qual está associada aos fundamentos recíprocos tanto as interações com o meio, quanto os biológicos.

Wallon (2007), faz uma diferenciação entre a concepção afetividade versus emoção. Segundo ele, afetividade se manifesta de forma mais ampla constituída das seguintes dimensões: emoção, sentimento e paixão. Enquanto as emoções, são conjuntos de ações a qual assemelha-se a uma determinada situação, podendo ser considerado expressão de uma circunstância seja de estados subjetivos, podendo ser particularidade orgânica, abalizada de acordo em que é vivenciada pelo sujeito.

Segundo a ótica de Wallon (2007), a emoção contribui como um atributo principal na evolução da consciência do indivíduo, é a intermediação entre o biológico e o psicológico. Todavia, as emoções podem ser consideradas como as reações acentuadas, referem-se às alterações do corpo. Surgindo pela alegria, a raiva, a tristeza, etc.; devido a essas emoções consecutivas, surgem os sentimentos.

O autor supracitado, acredita numa expressão mais ampliada, pelo qual o sentimento possui, uma origem psicológica, de maneira mais cognitiva, podendo ser expressa pela mímica e pela linguagem, ou seja, o surgimento desses fatores, ocorre na transição das emoções em sentimentos. Enquanto a paixão se manifesta na fase do personalismo, tendo a capacidade de conter uma situação expressa através de ciúmes e exigência de exclusividade.

Neste mesmo sentido, Freire (1989, p. 170), afirma que “a afetividade é o território dos sentimentos, das paixões, das emoções, por onde transita medo, sofrimento, interesse, alegria”. Na grandeza que o sujeito se desenvolve, interagi com os outros, vão ganhando novas necessidades afetivas, desta forma, a afetividade proporciona e amplia modelos de exteriorização tornando mais complexas, apropriando-se dos processos simbólicos da cultura, que oportuniza a representação.

Portanto, para acontecer a aprendizagem, precisa-se de uma interação, uma troca de experiência. Evidentemente, todo indivíduo leva consigo, aspectos particulares e específicos, os quais passam a ser divididos no âmbito escolar, determinando o seu vínculo social e ampliação de novos conhecimentos.

Vygotsky (1994, p.115), afirma que “O aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que a cercam”. Neste modo, pode enfatizar a teoria de Vygotsky, que o aluno tem a capacidade de melhor desenvolvimento, quando tem o auxílio de outra pessoa.

Diante disso, Vygotsky (1994), considera a sala de aula um dos espaços mais oportunos para a edificação das ações compartilhadas entre os sujeitos, pontua como um elo que se desempenha numa interação continuada no processo de ensino aprendizagem. Sendo assim, é fundamental proporcionar uma aprendizagem significativa, trabalhando de forma mais próxima com a realidade do aluno, intensificando-o aos dias vindouros.

Wallon (2008), estruturou uma continuidade de estágios com a intenção de compreender como o ser humano constitui-se como pessoa, propôs esses estágios do desenvolvimento, entendendo que a criança já se desenvolve deste o período uterino. Porém, ele inicia a partir do nascimento, da seguinte forma: impulsivo-emocional, sensório-motor, projetivo, personalismo, categorial, puberdade, adolescência e adultos.

Na concepção de Wallon (2008), existe uma alternância no decorrer dos estágios, entre as dimensões da afetividade e da inteligência; cada estágio há uma descontinuidade, rupturas e relativismo; isto faz parte no auxílio do processo do desenvolvimento afetivo e do desenvolvimento intelectual, visto que a afetividade é a estrutura para conquistar o conhecimento.

A teoria Walloriana, representa um referencial significativo no pensamento pedagógico, pois segundo ele a criança precisa ser compreendida de uma forma geral, não fragmentada, sua teoria tem como proposta um ensino mais humanizado, em que possa trabalhar as emoções e afetividade, conseqüentemente o desenvolvimento da inteligência e o

desenvolvimento cognitivo, defrontando o ensino tradicional, de forma autoritária, ausência de imaginação e criatividade, um ensino que não proporciona um processo ativo na formação do conhecimento do aluno.

A afetividade e cognição, tanto para o socio construtivismo, quanto para o interacionismo, estão interligadas no processo do desenvolvimento psicológico da criança, diferentemente dos pensamentos racionalistas, em que se defendia o lado da razão e o da emoção.

Diante desta concepção, não podemos simplesmente trabalhar o cognitivo, mas também estejamos preocupados com as competências sociais emocionais, a formação do “eu” e do “outro”; trabalhando de forma integral o ser humano, envolvendo as três dimensões citado por Wallon: motor, afetividade e cognição.

2.3 A afetividade e o trabalho docente

As teorias de Vygotsky e Wallon, contribuíram para presentear o discente ao lugar ativo na apropriação e ressignificação do conhecimento. O educador precisa olhar para o desenvolvimento integral, levando em conta os aspectos emocionais e motores, culturais e sociais. Assim, tendo limites, não assumindo a função da família, não simplesmente demonstrar carinho e ser afetuoso.

A afetividade vai além desses fatores, é um olhar atencioso, ir ao encontro da necessidade do aluno, relacionando e interagindo e sendo dinâmico, contribuindo assim para o ensino e aprendizagem, priorizando a fala desse sujeito e os conhecimentos prévios. Ademais, procurar entender o que as crianças estão sentindo mediante as atitudes e ações, o que eles trazem consigo de suas casas, demonstrando assim, a importância da vida destes pequeninos.

É apreciável a presença do professor, pois quanto mais estiver presente, mais o aluno irá compreender e desenvolver suas habilidades no contexto escolar. Nesse sentido, Libâneo (1994), frisa que o educador não é considerado a fonte principal do conhecimento, e sim, mediador, portanto, como mediador, necessita usar a imaginação para produzir aulas prazerosas.

Freire (1996), pontua que a vinculação pedagógica acontece pelo afeto, pelo amor e pelo diálogo, possibilitando desenvolver uma educação na prática de liberdade e de humanização. Assim, o aluno é estimulado e induzido em suas dimensões afetivas, cognitivas

e motoras, esse sujeito terá mais capacidade de conquistar objetivos, transcendendo o conteúdo estabelecido pela instituição escolar.

Entretanto, essa relação precisa consistir na compreensão e confiabilidade recíprocas. Todavia, o professor no desempenho de suas atividades pedagógicas, deve desenvolver seu trabalho com os seguintes aspectos: diálogo, motivação, dedicação e percepção.

De início, a criança tem no ambiente familiar, um ambiente em que sua sociabilidade é limitada enquanto pessoa, pois ocorrem as primeiras interações sociais, aprendendo a ver a si mesmo, ver o outro e ver o mundo, assim sendo, tendo um referencial, o qual vai levar consigo no decorrer da vida. O ambiente escolar é mais um ambiente social da criança, dessa forma, ela passa a conhecer, como frisa Rodrigues (1976), as agradáveis situações de ensino que despertam no aluno um desejo de repetir e renovar a aprendizagem.

Na concepção Saltini (2008), o educador é considerado o continente para a criança, ou seja, o espaço onde devem depositar as pequenas construções e onde as mesmas são acolhidas e prestigiadas, de tal maneira, com um útero recebe um embrião, enfatiza que a criança almeja ser amada, aceita, acolhida e ser ouvida, desse modo, despertando para a vida da curiosidade e do aprendizado.

No entendimento de Freire (1996), através de uma boa relação, o educador torna capaz de criar autoridade sobre sua turma e alunos, autoridade essa a qual está justamente relacionada com a maneira de lidar, entretanto, é de suma importância o professor aproximar-se dos alunos, pois em muitas das vezes esse aluno tem apenas o professor a qual expõem sua necessidade, neste caso o professor deve ir além do ensinar, proporcionar uma prática humanizadora, estimulando no sujeito a superação de transpassar as fronteiras impostas sobre ele.

De acordo com Aquino (1998), o núcleo do trabalho pedagógico é vinculado no professor-aluno, é fundamental ter uma separação entre ambos, pois o professor tem o direito de ensinar simultaneamente o aluno o direito de aprender. Concomitantemente, enfatizando segurança na didática, quanto nas resoluções dos conflitos da sala de aula e lidando com as frustrações. O professor precisa respeitar o tempo de cada aluno, trabalhando com um todo e sincronicamente com a individualidade dos alunos, dentro da sua realidade, pois nem todos os alunos terão respostas imediatas.

Como Cavalcante (2005) pontua, do modo que o professor entende a criança é fundamental para o êxito da aprendizagem, dessa forma, quando não julgam, mais buscam

aproximar do seu aluno, acreditando nele, observando seu comportamento e instigando suas capacidades, esse aluno tem tudo para crescer.

Neste sentido Rossini (2003) informa para o professor que nos dias de hoje é necessário equilíbrio emocional, responsabilidade, caráter, alegria de viver, ética e principalmente gostar de ser professor. Quando o professor olha com um olhar afetivo, o aluno denota sua importância, sente-se valorizado, nasce o desejo de evoluir como aluno, automaticamente como pessoa.

De acordo com Smolka e Góes (1995), é através dos outros que o indivíduo constitui ligações com objetos do conhecimento, dessa forma, a preparação cognitiva se inicia na junção com o outro. Quando o aluno consegue desenvolver, ele consegue cooperar de forma afetiva, desenvolve o interesse e a motivação para agir, desempenha a empatia. Todavia, não manifesta apenas o aprender, aprender, mas o aprender a ser e aprender a conviver, acelerando o esquema cognitivo.

Por outro lado, pode acarretar o processo de retardamento, bloqueio para aquisição de novos conteúdos, quando esse sujeito não se sente acolhido, podendo não se sentir capaz de aprender, descarte, cultivando dificuldades na aprendizagem, desmotivação e, por fim, conseqüentemente problemas de relacionamentos, como pontua Rodrigues (1976), e para tristeza o contrário sobrevém, dessa forma, o aluno menospreza não só a disciplina, conseqüentemente tudo quanto é mencionada a ela, interrompendo a aprendizagem, odiando tudo que está relacionado a escola.

Portanto, para que a criança possa sentir-se bem, aprender de uma forma significativa, é indispensável um espaço acolhedor, um ambiente em que as relações sejam afetivas, em que a mesma possa se sentir segura, como se estivesse em sua própria casa, no aconchego familiar, no cuidado dos pais, dessa maneira, o mesmo terá prazer em aprender, ter outras experiências, para que assim possam querer voltar todos os dias.

Freire (1996), pontua a necessidade de excluir a separação radical entre seriedade docente e afetividade, é necessário um trabalho estabelecido com um vínculo afetivo, a ausência desse fator provoca uma fragilidade, uma lacuna na aprendizagem, pois a sensibilidade do professor faz toda a diferença, procurando definir essa conexão com seus alunos.

Diante disso, Gazzotti (1999), a afetividade atua como um catalisador propicia ao professor conhecimento e capacidade de transmissão de conteúdo, ao aluno competência intelectual e vontade de aprender. Nesta concepção Antunes (2000) afirma, o ser humano em

seu desenvolvimento potencial necessita de um olhar afetuoso, amparo, solidariedade, empatia, afinidade, amigos e mensagem de esperança. É notório que estes fatores são processos indispensáveis os quais constituem a ação da afetividade nas práticas escolares.

Entretanto Leite (2011), argumenta que as dimensões afetivas não se limitam às situações de proximidade ou de contato epidérmico entre docente e discente, deve abranger todo processo do planejamento e desenvolvimento das práticas pedagógicas, até nas ocorrências em que a presença do educador não está fisicamente.

Não obstante, Márcio Ferrari (2004), aponta a função primordial do ensino é conduzir as crianças a desenvolver as suas habilidades naturais, afirma, que a evolução dessas habilidades tem mais chances de acontecer nas séries iniciais, contudo, é necessário demonstrar um maior nível de afetividade entre docentes e discentes, pois o progresso do avanço por parte dos alunos abrange vários aspectos, tanto procedimentos didáticos e extra didáticos e pode ocorrerem em um tempo maior; desta maneira, o autor relata, uma conversa agradável podem auxiliar definitivamente na criação de maiores vínculos entre ambos.

Concomitantemente, Freire (1996), destaca a necessidade do professor querer bem os seus alunos e sua profissão, pois, para esse autor um estado de afinidade profunda torna capaz de dar origem a sentimentos de amor, amizade, solidariedade, neste mesmo sentido, enfatiza a afetividade como a base estrutural e a fonte de motivação do conhecimento, simultaneamente no desenvolvimento do sujeito, formando a estrutura e o significado cognitivo.

Nesta perspectiva Cortella (1999), salienta que a procura do gostar e do prazer do que está realizando, engloba principalmente o campo discente e o campo da criatividade, contudo, a criação e recriação do conhecimento no espaço educativo não se encontram simplesmente em falar sobre coisas prazerosas, porém, sobretudo em falar prazerosamente sobre as coisas, dessa maneira, o professor propaga o gosto pelo que está ensinando, mediante isto, o aluno sente interessado em aprender.

Assim Chalita (2004) afirma que a prática pedagógica deve proporcionar afeto, trocas de experiências, estimular o desenvolvimento harmônico do aluno, enfatiza que o docente que simplesmente expõem a informação não consegue compreender a dimensão do afeto na aprendizagem do aluno.

De acordo com Almeida (1993), é na afetividade que se expressa uma relação vincular, entre aquele que ensina o conhecimento e aquele que aprende, dessa forma, estabelece conjuntos inseparáveis e firme, constituída pela estrutura da inteligência, portanto,

na apropriação do conhecimento, acontece o vínculo dos indivíduos, atuando no consciente e inconsciente, dentro dessa ótica, o autor afirma “não há ato de ensinar-aprender sem a mediação concreta de sujeito humano, não havendo, portanto, relação ensino-aprendizagem sem que haja atuação indissociável entre inteligência, afetividade e desejo” (ALMEIDA, 1993, p. 31).

Contudo, a intermediação em todo momento deve fazer parte da trajetória do educador, a ação pedagógica deve ser apoiada através de excelentes fundamentos, valores propícios e saudáveis, tendo com finalidade entender a realidade da situação educacional, pois o aluno terá sempre lembranças como foi o educador dentro daquela determinada instituição escolar.

CAPÍTULO III: A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL - O CASO DE PESQUISA

No vigente capítulo, apresentaremos ao leitor a metodologia de pesquisa, utilizada para elaborar nossa análise de dados, enfatizando alguns aspectos como: o Estado de Goiás, o município de Valparaíso de Goiás – GO, e informações sobre a Escola Municipal Marcus Antônio Salerno.

3.1 O Estado de Goiás

O Estado de Goiás, foi fundado em meados dos séculos XVII, XVIII, com a chegada de bandeirantes que vieram a procura de ouro. No entanto, titulado Bartolomeu Bueno da Silva Filho, que lhe deu o nome de Vila Boa de Goiás, hoje considerado a Cidade de Goiás, todavia os habitantes daquele tempo eram constituídos por indígenas nativos, negros e bandeirantes que vieram de São Paulo, povos esses que foram cruciais com relação a formação da cultura, foi no ano de 1749, que surgiu a capitania de Goiás, porque antes o território pertencia à capitania de São Paulo.

Na época existia muito ouro, automaticamente a cidade se tornou muito próspera, porém foi um processo curto que durou apenas 50 anos de exploração, após esse período entrou se em declínio, conseqüentemente atingiu a economia do estado, para a sobrevivência foi preciso voltar aos serviços rurais, ocasionando vários abandonos dos povoados goianos, a partir do século XIX passou a se destinar os serviços relacionados à pecuária e agricultura. Foi a partir século XX, que o Goiás desenvolveu a agricultura como principal atividade econômica.

Com o passar dos anos foi elaborado um plano para transferência da capital, a partir de então, depois de um levantamento deu se início a construção da cidade Goiânia e em 1933, a capital foi transferida por decreto no ano de 1937, selando o fim de mais de 200 anos da Cidade de Goiás como capital do Estado.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Goiás é o estado mais populoso da Região Centro-Oeste com mais de 7,1 milhões de habitantes, o estado ocupa o 10º lugar do ranking dos mais populosos do país.

3.2 O município de Valparaíso – GO

Segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a cidade de Valparaíso de Goiás, está localizada no Estado de Goiás, região Centro-Oeste do Brasil, entorno de Brasília, com 172.135 habitantes, de acordo com os dados de IBGE (2020), possuem como cidades vizinhas: Novo Gama, Cidade Ocidental, Luziânia e Santa Maria (DF).

Seus registros históricos teve início em 19 de abril de 1979, quando o atual prefeito daquela época de Luziânia, Walter José Rodrigues, inaugurou o Núcleo Habitacional Valparaíso I, a qual foi loteado no ano de 1959, em função do grande número de imigrantes que vieram para construir Brasília a capital do país.

Vale destacar o nome desse loteamento, Parque São Bernardo é um dos bairros bem conhecido da cidade. A cidade recebeu esse nome, em homenagem ao engenheiro que era responsável pelo projeto habitacional, o qual era natural da cidade de Valparaíso – Chile. No entanto dados pesquisados recentemente traz evidências que o arquiteto colombiano natural de Cali, Cesar Barney, foi o responsável pelo projeto urbanístico.

No dia 2 de maio de 1980, através do Decreto-Lei nº 972, ficou instituída e oficializada a data de 19 de abril para comemorar o aniversário da fundação do Núcleo Habitacional Valparaíso. Nesta época, existia um posto telefônico, uma agência dos Correios e Telégrafos, um escritório de contabilidade e onze lojas comerciais, com relação a educação, contava com uma escola estadual, para atender aos alunos do então chamado primeiro grau, hoje o então titulado ensino fundamental, nesta época existia duas escolas particulares. Através da Lei estadual nº 12.667 de 1995, foi criado o município de Valparaíso de Goiás, emancipando-se de Luziânia.

O município de Valparaíso de Goiás, se tornou uma grande cidade, muitos que vieram para morar em Brasília, decidiu ser morador desta cidade por vários vieses, um deles por ser bem próximo da Capital Federal e o custo de vida menor, para muitos ainda é considerado uma cidade dormitório, mas aos pouco está propiciando aos moradores melhores condições de vida, atualmente possui faculdades, várias escolas seja de natureza pública quanto privadas, shoppings, unidades bancárias, vários condomínios habitacionais, áreas de lazer, unidades de atendimento à saúde, centros comerciais, pontos de atividades físicas, praças, mercados atacados e varejistas.

3.3 A escola pesquisada

A Escola Municipal Marcus Antônio Salerno, está localizada no Condomínio Parque Nova Cidade – Área Institucional IV – Cidade Jardins – Avenida Comercial Sul II, é de natureza pública, localizada no Município de Valparaíso de Goiás, administrada pela Secretaria Municipal de Educação.

Esta escola foi construída para atender a uma comunidade diversificada, abrangendo: Cidade Jardins, Parque Esplanada I, Parque Esplanada II, Setor de Chácaras Ipiranga, Parque São Bernardo e Cruzeiro do Sul.

A escola foi fundada em 20 de dezembro de 2012, publicado no Diário Oficial nº 024/2012, Valparaíso de Goiás/GO, 31 de dezembro de 2012, com a Lei nº 938. O nome desta escola foi em homenagem a um homem, outrora um sujeito pecuarista que mudou-se para o município em 1988, Marcus Antônio Salerno a qual foi um destaque na cidade pelos seus serviços prestado como funcionário da CELG.

No ano de 1992, candidatou-se a vereador pelo então Município de Luziânia. No ano seguinte recebeu um convite do prefeito Delfino Machado a trabalhar na Administração de Valparaíso de Goiás e Novo Gama, fez um brilhante trabalho, lutou pela emancipação de Valparaíso de Goiás e Novo Gama.

3.3.1 Organização Administrativa

A organização da instituição de ensino apresentado em seu Projeto Político Pedagógico – PPP, compreende todos os órgãos indispensáveis ao funcionamento da Unidade Escolar, o que abrange os seguintes serviços: direção geral, professores, serventes e merendeiras, alunos e comunidade

A Escola Municipal é composta por 36 funcionários, sendo uma diretora, duas coordenadoras pedagógicas, duas professoras laudadas, um secretário escolar, dois escrivães escolares, dezesseis professores de 1º ao 5º ano, cinco merendeiras, 03 serventes, 04 monitoras. Os alunos 516 no total.

No quesito das instalações físicas a escola é distribuída por: oito salas de aula, uma sala de professores com banheiro, uma sala de secretaria escolar, uma sala da Gestão incluindo um banheiro, um laboratório de informática um banheiro para servidores, um

banheiro feminino e um banheiro masculino uma cantina um depósito para a merenda, um pátio coberto.

Em nível de material didático e áudio visual, a escola possui: (mapas, globo, data show, TV, DVD), no entanto existem certas dificuldades no desenvolvimento das atividades por compreender que o ambiente físico é pequeno.

3.3.2 Organização Curricular

A escola municipal trabalha as Matrizes Curriculares comuns a todo município, aprovadas pelo Conselho Municipal de Educação, embasado na Constituição Federal, na Lei de Diretrizes e Bases Nacional Comum, de maneira que alcance todos os discentes de forma individual, considerando as distinções e necessidades de cada um.

Em síntese, a atuação da escola consiste em formar alunos com valores sociais sólidos, ancorados na boa convivência, no respeito à diversidade de crenças, de opinião e étnicos, proporcionar uma boa qualidade de ensino-aprendizagem, promovendo um ambiente agradável, harmônico e respeitoso para toda a comunidade escolar.

Neste sentido, o currículo é pautado nos temas transversais, voltado para habilidades e competências. As atividades realizadas pela Escola Municipal, acontece de forma sistemática, como aulas expositivas, estudos dirigidos, pesquisas, projetos, trabalhos em grupo e individuais.

3.3.3 Objetivos

Os objetivos gerais da escola é disponibilizar aos alunos circunstâncias necessárias para desenvolvimento pessoal de maneira que utiliza os conhecimentos adquiridos, assim contribui para o processo de formação do caráter, da consciência e da cidadania das novas gerações, tendo uma conexão entre entender, desfrutar e transformar, dessa forma possa compreender o mundo em que está inserido e ajudar a construir um mundo melhor.

E como objetivos específicos: trabalhar conhecimentos específicos à construção do saber voltado à realidade social e ao exercício da cidadania, possibilitar oportunidades para o desenvolvimento sociocultural dos alunos, agregação com a comunidade, abrindo a escola para a comunidade, aumentando a convivência de pais e profissionais, condições para o aprimoramento dos profissionais em educação, em parceria com a Secretaria de Educação.

3.3.4 Metodologias e principais projetos

As metodologias e projetos desenvolvidos na escola, acontece mediante a necessidade do aluno e da turma, a partir de então os docentes e coordenação monta um projeto, com intenção de superar das dificuldades dos envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

Dentre os principais projetos desenvolvidos na escola estão: projeto Correio da Amizade, projeto de Matemática, Recreio Dirigido, projeto de apoio aos alunos com dificuldades de aprendizagem, Festa Junina, Passeios, Leitura, Hora Cívica, Violência (Bulling, Drogas, pichações), Consciência Negra, Pessoas com Deficiência, Soletrando, Família na Escola, Dia das Crianças.

3.3.5 Avaliação

Já a avaliação é digna de um destaque a parte, pois a mesma reivindica um processo com uma maior expressividade, a qual tem como foco englobar todas as ações desenvolvidas no trabalho educativo, diante desta situação, precisa estar claro para o avaliador, sendo ele uma peça importante no processo avaliativo, pelo qual torna mediador na aquisição do conhecimento.

A escola possui como eixos estruturantes do Ciclo de Alfabetização, tornando as avaliações processuais e contínuas, através das observações, coleta de dados, registros, reflexão e análise sobre o desempenho dos alunos, considerando a apropriação de conhecimento, o domínio de habilidades e competências.

Somente a partir do quarto ano, o processo ensino-aprendizagem, será, contínua e acumulativa e irá considerar no desempenho do aluno, a prevalência dos aspectos qualitativos quantitativos, a fim de proporcionar aos seus alunos um processo ativo. Caso o aluno não consiga a média estipulada pela a instituição como recuperação é elaborado trabalho. Não obstante a avaliação necessita ser mais amplificada tendo um ponto de vista além dos rendimentos, alcançados nas provas, em testes, atividades e questionários.

3.4 A Metodologia de pesquisa

Na visão teórica de Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa é considerada um método formal, com sistematização de pensamento reflexivo, no qual exigem tratamento científico e se estabelece no caminho para conhecer a realidade ou para encontrar verdades parciais. Diante dessa visão teórica vale ressaltar que a pesquisa é uma práxis com recurso de pensamento reflexivo que propõe uma preservação científica, onde traça um trajeto para que possa deparar-se com verdades restritas.

A pesquisa é definida para Andrade (2009 p. 26), com um “conjunto de atividades orientadas e planejados pela busca de um conhecimento. Ao profissional da pesquisa (especialmente no campo acadêmico), dá-se o nome de pesquisador”. Entretanto esse mesmo autor é processo sistemático, com a intencionalidade a adquirir conhecimento e tem por propósito fundamentais criar novos conhecimentos ou comprovar ou questionar conhecimentos pré-existente.

3.4.1 A pesquisa de natureza qualitativa

Com o propósito de investigar e compreender a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental adotamos uma pesquisa qualitativa, na concepção de Minayo (2001), a pesquisa qualitativa é intencionada a trabalhar com os seguintes aspectos: motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis

Em conformidade com a pesquisa de natureza qualitativa, portanto, consistiu na modalidade de estudo de caso. Segundo Lakatos e Marconi (2001, p. 46), essa categoria é voltada para uma “face empírica e fatural da realidade; produz e analisam dados, procedendo sempre pela via do controle empírico e fatural”. Na concepção de Martins (1994), o estudo de caso destina estudos intensivos do passado, presente e de interações ambientais de um determinado grupo.

Na opinião de Andrade (2009), o reconhecimento dessa forma é particularidade da pesquisa bibliográfica é pela oportunidade de favorecer uma maior argumentação, proporcionando assim um significado dos dados empíricos, agregando um conhecimento maior na concepção de aproximação da realidade.

No entanto, essa modalidade procura assuntos com informações significativas, obtidas através do conhecimento adquirido no cotidiano, por meio de experiências, na vivência do pesquisador, para Gil (2002), a pesquisa pode ser estabelecida como um processo racional quanto um processo sistemático, objetivando respostas ao problema apresentado.

3.4.2 Técnica de Pesquisa

Como se refere a uma pesquisa bibliográfica, para consulta foram utilizadas obras de estudiosos, pertinentes à temática, como a análise e a interpretação de livros, periódicos, documentos entre outros materiais impressos e páginas da internet.

Com relevância a proposta escolhida, adotamos autores como: Vygotsky (1998); Wallon (2007); Antunes, (2006); Paulo Freire (1989); Oliveira (1992), Libânio (1994) Bruel (2010,) Rios (2003); como foi apoiada para uma pesquisa qualitativa a segunda etapa consistiu na realização da pesquisa de campo na Escola Municipal Marcus Antônio Salerno, localizada no município de Valparaíso de Goiás, como instrumentos de coleta, deu-se por meio da análise do PPP da instituição e em entrevista semiestruturada. A escolha do estabelecimento de ensino se deu por escolha da pesquisadora e por sua experiência na referida instituição por meio do Programa Residência Pedagógica – Capes.

No ponto de vista de Gerhardt e Silveira (2009, p. 35), é possível compreender através de pesquisa aplicada aquela que “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos”. Entretanto, para colocar em prática a investigação, a pesquisa de campo tornou-se imprescindível à coleta de informações.

3.5 Dados pesquisados e analisados

A presente pesquisa, buscou entender como acontece a afetividade nos anos iniciais do Ensino Fundamental através da prática pedagógica; procurando averiguar o que os docentes pensam sobre essa temática. Partindo desta concepção foi elaborado uma entrevista semiestruturada por meio de um questionário online, na intenção de responder os objetivos propostos, pois segundo Gil (2010) a pesquisa outorga a liberdade de expressão do sujeito entrevistado.

Neste modo, foram entrevistadas cinco professoras regentes das turmas de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental que trabalham na Escola Municipal Marcus Antônio Salerno, as

quais cooperaram para o levantamento de dados do estudo de caso. Com finalidade de preservar a identidade dos entrevistados, dessa forma, será apresentada através das letras do alfabeto, mediante isto, foi elaborado perguntas para identificar cada entrevistado e a questão referente à temática.

Tabela 1: Identificação dos professores entrevistado

Nome fictício	e-mail:	Série em que atua:	Anos de experiência:	Formação:	Pós-graduação:
A	cidalobato.55@gmail.com	2º ano	28 anos	Pedagogia	Docência do ensino superior
B	Maria.Rafael2011@gmail.com	1º ano	25 anos	Pedagogia	Direito Educacional IE
C	janaina.ppm@hotmail.com	1º ano	14 anos	Pedagogia	Educação Infantil, letramento/alfabetização
D	edna.lima.df@gmail.com	4º ano	7 anos	Pedagogia	psicopedagogia
E	clarindavaleria66@gmail.com	3º ano	12 anos	Pedagogia	Gestão e Orientação

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Partindo para a investigação da temática pesquisada, o que é a Afetividade no processo de ensino e aprendizagem dos Anos Iniciais do Ensino, os professores indagaram esse termo como:

Um laço que envolve sentimentos. (Professora A);

É ter empatia, ser bondoso com as pessoas. (Professora B);

Afetividade está ligado a empatia. Precisa ser dosada em porções generosas e usada em toda e qualquer ação didática pedagógica. (professora C);

Vínculo afetivo. (Professora D);

É um dos fatores que favorecem aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo, fazendo com que o indivíduo aprenda através dos sentimentos, das emoções e das experiências que são trocadas na interação com o outro. (Professora E).

Com base nas respostas oferecidas pelas entrevistadas, denota que o a afetividade estimula o psicológico do sujeito, dessa forma, reitera (Ferreira, 1999), a afetividade como uma junção de fenômenos psíquicos os quais são demonstrados por intermédios das emoções e paixões, sempre vem associado a dor, prazer, alegria ou tristeza, desenvolvendo um potencial no ser humano a revelar os seus sentimentos em relação a outros seres e objetos.

Com relação a importância da afetividade, todas se posicionaram com um aspecto fundamental durante o processo de ensino e aprendizagem, pontuando como:

facilitadora da relação professor/aluno. (Professora A);

Ajuda no desenvolvimento. (Professora B);

As demonstrações de carinho, cuidado e respeito são fundamentais para o desenvolvimento humano e conseqüentemente da aprendizagem. (Professora C);

Somos seres emocionais guiados por nossos sentimentos, por isso a necessidade de desenvolver a afetividade. (Professora D);

Ela contribui também, para a criação de um espaço agradável e harmonioso em sala de aula. (Professora E).

Conforme relataram as professoras, esse vínculo assegura uma interação social do educando, possibilitando para a formação como cidadão, neste sentido, o professor deve estar atento as particularidades de cada aluno, amplificando a autonomia de cada um; pois “uma criança aprende melhor e mais depressa quando se sente querida, está segura de si e é tratada como um ser singular” (RODRIGUES, 1976, p.174).

Na concepção de Vygotsky (2001), a construção do conhecimento provoca uma realização de atividades compartilhadas, conceituando como processo de mediação entre sujeitos, desse modo, compete ao professor conduzir esse processo com afetividade para que os alunos contribuam de forma prazerosa; considerando que aprendizagem é um processo longo e ao mesmo tempo dinâmico.

Com relação às contribuições da afetividade para o processo de ensino e aprendizagem dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? Ambas foram sucintas:

O desenvolvimento emocional e intelectual. (professora A);

O aluno sente segurança e desenvolvem mais rápido. (Professora B);

Ao trabalhar com as séries iniciais enfatizando a afetividade o professor consegue estreitar laços com os alunos que podem o auxiliar no diagnóstico, intervenção e desenvolvimento de atividades pedagógicas fixada na dificuldade do aluno. E o aluno por sua vez estará mais receptivo ao aprendizado. (Professora C);

agregar valor positivo aos sentimentos associados as aulas. (Professora D);

Responsável por despertar nas crianças a curiosidade e o prazer por aprender, influenciando positivamente no processo aprendizagem. (Professora E).

De acordo com as professoras, a afetividade está associada em todos os aspectos educacionais, sendo assim, esse aspecto afetivo é deliberativo para a formulação da aprendizagem, promovendo impulsos positivos, envolvendo o psicológico o intelectual; como afirma Vygotsky (1998), a afetividade é um elemento importante em todas as etapas da vida da pessoa, possibilita uma relevância essencial no processo ensino aprendizagem relacionando à motivação, avaliação e relação professor / aluno.

Para (Rodrigues 1976), a aprendizagem no processo de ensino e aprendizagem resulta, sobretudo, dos motivos particulares; dentro deste conceito pontua que a criança aprende de forma significativa e de forma mais acelerada no momento em que sente mais seguro. Essas atribuições, auxiliam no desenvolvimento dos alunos, principalmente, nos seus primeiros anos de escola, colaborando na acomodação, influenciando no desenvolvimento da cognição, oferecendo para a criança a aprendizagem nos diversos meios de interação.

Concomitantemente, os benefícios da afetividade no processo de ensino-aprendizagem propiciam para o docente um elo entre o aluno e a cognição, oferecendo ao educador um excelente resultado em suas ações e ao mesmo tempo suscita ao aluno oportunidade de uma formação integral, nesta perspectiva Almeida (1993), enfatiza a ação do professor na utilização as emoções como fonte de energia dos alunos, encarando o afetivo como parte do processo do conhecimento, pois ambas são indissociáveis. Quanto a eficiência no trabalho do docente é comum apresentar um trabalho recheado de alegrias, afeto, carinho, simultaneamente o aluno terá prazer no aprender.

Segundo Antunes (2007), os laços entre alunos e professores se estreitam e, na grandeza da aproximação desse basilar afeto, tornando essencial para descobrimento dos procedimentos sistêmicos, nas ações, ao mesmo tempo nas estratégias, considerando também as reflexões integradoras, a qual determina vínculos fortes entre o aluno, o professor e o aprendido.

Com o objetivo de procurar como se dá o relacionamento entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem? As mesmas responderam que:

Precisa ser um relacionamento que vise o bem estar do aluno e proporcione uma aprendizagem agradável. (Professora A);

Se dá através da troca e respeito ao conhecimento de ambos. (professora B);

Essa relação se dá de acordo com a abordagem e intervenção do professor. (Professor C);

Relação de iguais, em que o professor realiza a mediação dos conhecimentos sistematizados e os alunos agregam os conhecimentos empíricos que trazem através de suas experiências. (Professora D);

Dependendo do ambiente criado pelo professor da relação que ele estabelece com seus alunos, da sua capacidade de ouvir, refletir e debater as questões e necessidades trazidas por seus alunos. (Professora E).

Baseado no que foi questionado pelas docentes, a relação professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem são constituídos por diversos fatores: conhecimentos, experiências, conteúdo, interação, mediação, ambiente, respeito, dialogo, etc. Condições essas que estabelecem desafios para uma ação inovadora, procurando conhecer a realidade de seus alunos, englobando o ensinar como a ação do aprender.

Todavia, o professor deve usar sua criatividade para ocasionar situações, a fim de promover a aquisição de conhecimento dos seus alunos na intenção dos mesmos desenvolverem suas habilidades e competências: intelectualmente, socialmente, verbalmente, fisicamente. E, durante as observações do espaço escolar foi possível notar que docentes buscam desenvolver as habilidades dos alunos em suas práticas, que conta também com o suporte pedagógico de toda a equipe escolar e dos pais que participam ativamente da rotina escolar.

O ensinar vai além de transferir conhecimento, é fomentar ao aluno a reformulação do saber, contribuindo para ser transformador no processo histórico da sociedade, sendo um sujeito crítico com aprendizagem ativa. Fernandez (1991), pontua que afetividade estabelece um vínculo entre quem ensina e quem aprende, desse modo, não é possível aprender de qualquer um, mais daquele a quem delibera a confiança e direito de ensinar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo para o desenvolvimento desse trabalho foi o de compreender se a afetividade é importante para o processo de ensino e aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a partir de uma pesquisa de campo de uma escola pública municipal localizada em Valparaíso de Goiás – GO.

Desse modo, a pesquisa foi dividida em três capítulos. O primeiro, com o título a caracterização do Ensino fundamental, destacando a construção do Ensino Fundamental com seus aspectos históricos e legais; a Base Nacional Comum Curricular vinculado ao Ensino Fundamental.

Já no segundo capítulo, tece as considerações acerca da afetividade, procurando apresentar o conceito da mesma e, uma pesquisa na perspectiva de Vygotsky e Wallon e afetividade na relação do trabalho docente.

No último capítulo a afetividade no processo de Ensino e Aprendizagem dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental– O Caso de Pesquisa apresentou os dados em relação ao Estado de Goiás e do município da escola pesquisada e situa o percurso realizado durante o estudo para o leitor. Apontando ainda o perfil dos professores entrevistados e análise dos dados encontrados.

Depois de apresentar a estrutura monográfica desse trabalho, retomo a questão inicial que conduziu esse estudo: O que é a afetividade? A afetividade é importante para o processo de ensino e aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? Quais as contribuições da afetividade para o processo de ensino e aprendizagem dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? Como se dá o relacionamento entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem?

Entretanto, depois de analisar e refletir sobre a pesquisa, é possível evidenciar que a afetividade é indispensável para o funcionamento educacional para o processo de aprendizagem dos alunos, propiciando um ensino de qualidade, desenvolvendo de forma integral, desenvolvendo a autonomia, confiança e a autoestima, tendo como base o respeito mútuo, o diálogo e, principalmente o carinho recíproco, cabendo ao educador intermediar o conhecimento do aluno, estabelecendo vínculos e planejamento na intenção de resolver os conflitos e estimular uma aprendizagem significativa, proporcionando uma educação transformadora e ao mesmo tempo afetiva.

Pois a afetividade tem a função de mediar as relações sociais, expandindo a vinculação entre o intelecto e o social, sendo capaz de formar um controle tão essencial quanto a competência na aprendizagem. Dessa forma, a afetividade é um dos pilares para o ensino e aprendizagem, uma mediação embasada em uma prática humanizadora é necessária, a fim de estimular no aprendiz o desejo de ultrapassar seus limites, propiciando uma aprendizagem mais próxima de sua realidade.

Diante disso, foi possível verificar que os professores entrevistados consideraram que o processo de ensino e aprendizagem é constituído por conhecimentos, experiências, conteúdo, interação, mediação, ambiente, respeito, dialogo e outros. Assim, o docente enfrenta vários desafios em sua prática, compreendendo seu papel de mediador do conhecimento, e possibilitando um ensino com mais produtividade, fomentando uma boa interação entre seus alunos.

Portanto, esperamos que os resultados alcançados na presente pesquisa possam oferecer contribuições para as análises vindouras, considerando que essa temática é de suma importância no ensino e aprendizagem, dessa forma, possa estar impregnado as práticas docentes. Além de ser investigado também por outros pesquisadores que desejam analisar essa temática voltada para à Educação Infantil ou para professores que atuem em áreas específicas dos anos finais do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Francesca Conte. **O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender**. Revista Temas de Psicologia. n.1, 1993.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 9.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ANTUNES, Celso. **A construção do afeto**. 3. ed. São Paulo: Augustus, 2000.

AQUINO, Júlio Gropa. **A relação professor-aluno: do pedagógico ao institucional**. São Paulo: Summus, 1998.

_____. **A indisciplina e a escola atual**. Revista Faculdade de Educação. São Paulo. 1998.

AZANHA, José Mario Pires. **Uma ideia de pesquisa educacional**. Educação e Pesquisa. São Paulo, 1993.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas**. In: Educação e Sociedade. Campinas: v. 28, 2007.

BRASIL. **Base nacional comum curricular**. Educação Infantil e ensino Fundamental. Brasília: MEC/ Secretária de educação Básica, 2017.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 4024/1961, de 20 de dezembro de 1961.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. . Lei número 5692/1971, de 11 de agosto de 1971.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

_____. **PARECER CNE Nº 6/2005 – CEB** – Aprovado em 08.06.2005. Reexame do Parecer CNE/CEB 24/2004, que visa o estabelecimento de normas nacionais para a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos de duração. Disponível em: Acesso em: 12 de jun. 2021.

_____. Lei nº 11.274/2006, de 06 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental,

com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. 2006. Disponível em: Acesso em: 10 de jun. 2021.

_____. Parecer CNE/CEB nº 4/2008, de 20 de fevereiro de 2008. **Orientação sobre os três anos iniciais do Ensino Fundamental de nove anos**. Brasília: 2008. acessado: 13 de jun. 2021.

_____. **Ensino Fundamental De Nove Anos**: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2009.

_____. 12796/2013, de 16 de out. de 2017. **Estatuto da criança e do adolescente anotado e interpretado**. Estatuto da criança e do adolescente anotado e interpretado.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. RESOLUÇÃO Nº 4, DE 13 DE JULHO DE 2010. Disponível em: Acesso em: 12 de jun. 2021.

BRUEL, Ana. Lorena. O. **Políticas e Legislação da Educação Básica no Brasil**. 1ª ed. Curitiba: Ibpex, 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 17. ed. São Paulo: Gente, 2004.

CODO, Wanderlei; GAZZOTTI, Andrea Alessandre. **Trabalho e Afetividade**. In: CODO, W. (coord.) **Educação, Carinho e Trabalho**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

CORTELLA, Mario, Sergio. **A escola e o Conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. - 2 o ed. – São Paulo, Cortez: Instituto Paulo Freire, 1999.

CRAIDY, C. M.; BARBOSA, M. C. S. **Ingresso obrigatório no ensino fundamental aos 6 anos**: falsa solução para um falso problema. In: BARBOSA, M. C. S. et al. **A infância no ensino fundamental de 9 anos**. Porto Alegre: Penso, 2012.

CUNHA, Antônio Eugenio. **Afeto e aprendizagem**: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica. Rio de Janeiro: Wak. 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 18ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (organizadoras). **Métodos de Pesquisa**. 1ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. –São Paulo: Atls, 2002.

HILLAL, Josephina. **Relação professor – aluno: formação do homem consciente**. São Paulo: Paulinas, 1985.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estado de Goiás**. Disponível em: <. Acesso em: 29 de jun. 2021.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística **Valparaíso de Goiás**. Disponível em: <. Acesso em: 29 de jun. 2021.

KRAMER, Sonia. **A Infância e sua Singularidade. Ensino Fundamental de Nove Anos**. Orientações para a Inclusão da Criança de seis anos de idade. Brasília 2006.

LAKOMY, Ana Maria. **Teorias Cognitivas da Aprendizagem**. Curitiba: FACINTER, 2003.

LEITE, S. **Afetividade e práticas pedagógicas**. São Paulo: Casapsi Livraria e Editora Ltda, 2011.

LEITE, Sergio Antônio da Silva; TAGLIAFERRO, Ariane Roberta. **A afetividade na sala de aula: um professor inesquecível**. Psicologia Escolar e Educacional, v. 9, n. 2, p. 247-260, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. – São Paulo: Cortez, 1994.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A Inteligência Aprisionada: abordagem Psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artmed, 1991.

FERRARI, Márcio. **O teórico que incorporou o afeto à pedagogia**. In: Revista Nova escola, Abril/2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MENESES, João Gualberto de Carvalho [et al]. **Estrutura e funcionamento da educação básica**. Leituras. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 2002.

OLIVEIRA Romualdo Portela; ARAUJO, Gilda Cardoso. **Qualidade do ensino: uma nova dimensão da luta pelo direito à educação**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro. 2005.

PIAGET, Jean. **A Representação do Mundo na Criança**. Rio de Janeiro: Record, 1975.

_____. **Aprendizagem e Conhecimento**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1979.

RIBEIRO, Marinalva Lopes e JUTRAS, France. **Representações sociais de professores sobre afetividade**. Estudos de psicologia. Campinas, v.23, n.1, p.39- 45, mar 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci-arttext&pid>. Acesso em 16/03/2021.

RIOS, Terezinha Azeredo. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

RODRIGUES, Marlene. **Psicologia educacional: uma crônica do desenvolvimento humano.** São Paulo; Mc Graw – Hill do Brasil, 1976.

ROSSINI, M. A. S. **Pedagogia afetiva.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e inteligência.** 5º ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

SANTOS, Júlio Cesar Furtado. **Aprendizagem Significativa:** modalidades de aprendizagem e o papel do professor. Porto Alegre: Mediação, 2008.

SAVELI, Esméria de Lourdes. Ensino Fundamental de Nove Anos: bases legais de sua implantação. **Práxis Educativa.** 3º ed.- Ponta Grossa. 2008.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **A pesquisa científica.** 1º ed.- Porto Alegre: UFRGS 2009.

SMOLKA, Ana Luisa Bustamante; GÓES, Maria Cecília. (Orgs.). **A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento.** São Paulo: Editora Papirus, 1995.

SOARES, Magda Becker, (2003). **Alfabetização: a ressignificação do conceito.** Alfabetização e Cidadania, nº 16, p 9-17, jul.

TASSONI, E.C.M. **Afetividade e aprendizagem:** a relação professor-aluno. Psicologia, análise e crítica da prática educacional. Campinas. 2000.

VALPARAISO DE GOIAS. Secretaria Municipal de Educação. **Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Modelo.** Ano 2017.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** Tradução José Cipolla Neto. et al. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **As origens do pensamento da criança.** São Paulo: Manole, 1989.

_____. **Do ato ao pensamento:** ensaio de psicologia comparada. Petrópolis: Vozes, 2008.